



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - GRUPOS DE EXTERMÍNIO NO NORDESTE		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1906/03	DATA: 11/11/03
INÍCIO: 14h44min	TÉRMINO: 16h33min	DURAÇÃO: 01h49min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h48min	PÁGINAS: 58	QUARTOS: 22

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES - Delegada de Polícia em Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco.

SUMÁRIO: Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Carlos Araújo) - Havendo *quorum* regimental, declaro abertos os trabalhos da 11ª Reunião desta Comissão. Tendo em vista a distribuição de cópias da Ata da reunião anterior a todos os membros presentes, indago da necessidade de sua leitura.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Solicito a dispensa da leitura da Ata.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado José Carlos Araújo) - Dispensada a leitura da Ata a pedido do Deputado Luiz Couto. Em discussão a Ata. Não havendo quem queira discuti-la, passamos à votação. Os Deputados que a aprovam permaneçam como se encontram. (*Pausa.*) Aprovada. Fizemos distribuição de cópias das sínteses das correspondências recebidas pela CPI, às quais encontram-se à disposição dos senhores membros para análise na Secretaria da Comissão. Ordem do dia. Audiência pública com os convidados Mariza Silva Borges, Juíza de Direito do Estado de Pernambuco, e Dra. Andréa Rosa Borges Cartaxo, Juíza de Direito do Estado de Pernambuco. Fomos informados que as duas juízas de Direito parece-me que não conseguiram pegar o avião e não chegaram a tempo. Está presente aqui a Dra. Lenise Valentim da Silva, Delegada da Polícia Civil do Estado de Pernambuco, a qual convido a sentar à Mesa para prestar os seus esclarecimentos. Esta audiência pública decorre da aprovação dos Requerimentos nºs 29 e 30, ambos de autoria do Deputado Luiz Couto. Solicito à Delegada Lenise Valentim da Silva que tome assento à Mesa. Dra. Lenise, V.Sa. tem 20 minutos para fazer uma exposição, caso queira fazer a sua exposição, se não, iremos já às perguntas.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA** - Sr. Presidente da Comissão, em nome de quem saúdo todos os presentes, meu nome é Lenise Valentim da Silva e eu sou Delegada de Polícia no Estado de Pernambuco. Atualmente, trabalho na Delegacia de Polícia do Cabo de Santo Agostinho e, no período de agosto de 1999 até setembro de 2002, eu fui titular da Delegacia de Polícia do Município de Timbaúba. Durante o período, ao assumir a Delegacia de Timbaúba e durante o período em que estive lá, participei, junto com outros segmentos da polícia, a Polícia Militar, o Ministério Público e também do Poder Judiciário, do trabalho que foi realizado naquele Município de combate a grupo de extermínio. Antes mesmo da minha chegada àquele Município, tão logo saiu a portaria de transferência, um dos policiais que trabalhavam comigo, ele foi interceptado na rua pelo Sr. Abdoral



Gonçalves de Queiroz, que queria saber como é que iria ser o meu trabalho no Município. Eu chegava à cidade, encontrando uma delegacia acabada, sem móveis, sem objetos, sem computador e tão destruída assim, como os policiais que ali se encontravam, tão antiga — a maioria dos policiais já datavam 10, 15 anos no Município —, e tivemos que enfrentar uma série de descréditos. Descrédito da população, descrédito do Poder Judiciário, descrédito até do Ministério Público e do próprio trabalho policial. Quando cheguei naquela cidade, já encontrei o Promotor de Justiça Dr. Humberto Graça, que há poucos meses estava ali e também a Juíza de Direito Dra. Marisa de Silva Borges. Observando o que se encontrava na delegacia, a gente pode constatar que a delegacia contava com um acervo imenso de homicídios, mas homicídios estes registrados apenas sem identificação de autoria e, na maioria deles, sem arrolar testemunhas. Esse levantamento foi feito e, com o continuar dos trabalhos, eu entrei em contato com o Dr. Humberto, e começamos a vislumbrar a possibilidade de um trabalho em conjunto para enfrentar, para controlar a ação daquele grupo. Sabíamos das dificuldades, principalmente pela esfera de envolvimento que o grupo já mantinha na cidade. O próprio chefe do grupo de extermínio mantinha um cargo comissionado na Prefeitura. Ele trabalhava na Prefeitura, na Secretaria de Obras. Aliás, ele tinha um cargo e nunca exercia nenhuma atividade. O próprio comércio da cidade mantinha, como segurança privada, vários integrantes do grupo de extermínio, e eles também compunham uma empresa, um grupo de segurança intitulado Anjos da Guarda, que faziam segurança em eventos públicos, festas, chegando ao ponto até de desfilar em desfiles cívicos no dia 7 de Setembro. Sabíamos também que não seria fácil romper e quebrar a lei do silêncio que imperava para familiares de vítimas e testemunhas. No mês de julho de 2000, foi instalada em Timbaúba uma audiência da CPI Estadual do Narcotráfico e da Pistolagem e nessa CPI foi decretada a prisão temporária de Abdoral Gonçalves e de mais integrantes do grupo, entre eles o Naldinho Marchante, que é o Arnaldo, que era o braço direito do Abdoral e do Ronaldo. Iniciava-se, então, uma nova etapa de trabalho. A delegacia de polícia contava com muitos homicídios, mas em nenhum deles havia qualquer citação, qualquer imputação de crime a Abdoral. Então, como ele estava com prisão temporária, sabíamos do exíguo tempo que tínhamos para que pudessemos fazer uma investigação e identificar algum envolvimento dele. O



trabalho iniciou-se de forma conjunta. A Polícia Militar manteve no Município, durante um período, um reforço de 30 policiais e também com equipes do CIOSAC, que é uma companhia independente de policiais especializados, que faziam todo o policiamento durante a noite; no Ministério Público também um reforço. E foram levantadas todas as ações que havia em tramitação na Justiça e na delegacia. Começávamos a tentar esclarecer quaisquer dos homicídios e também auxiliar no inquérito de formação de quadrilha. Graças a esse trabalho, antes de um mês, conseguimos concluir o primeiro homicídio em que foram indiciados 12 integrantes do grupo, saindo assim a primeira prisão preventiva do grupo de Abdoral. O próprio Abdoral, das vezes em que fui ao presídio tomar do depoimento dele, não acreditava no que estava sendo realizado. Ele não acreditava que dali pudesse surgir qualquer coisa efetiva que realmente fosse desarticular. Mantinha a esperança de que mais cedo ou mais tarde iria sair da cadeia, o que colocava em jogo todo o trabalho que vinha sendo realizado, uma vez que algumas das testemunhas se propunham a falar, mas de forma muito temerosa. Fomos testemunhas durante todo esse período do medo, do pavor, da desconfiança das pessoas que participaram, que presenciaram a ação do grupo. Existia o toque de recolher na cidade, onde, quando havia o dia que eles escolhiam para matar, as pessoas tinham que se retirar do local onde estavam. Isso poderia ser em uma festa, poderia ser em qualquer localidade. E também havia o apoio da comunidade. A comunidade acreditava que a ação daquele grupo poderia conter alguns furtos, alguns arrombamentos. Ao longo dos trabalhos, tudo isso foi desmascarado, uma vez que foi constatado que muitos dos crimes que havia na cidade eram patrocinados e direcionados pelo próprio Abdoral, que instigava, que recrutava jovens para que praticassem furtos até mesmo para justificar a existência do grupo. Além desse inquérito inicial, onde foi possível identificar e pedir a preventiva de 12 dos integrantes, concluímos, no seguir dos dias, o inquérito de formação de quadrilha, onde, inicialmente, foram 18 integrantes indiciados e, posteriormente, 22 denunciados, juntando-se a isso o que existia de trabalho do Ministério Público. Uma ação dessa natureza tem certas peculiaridades. Primeiro, pelo conhecimento que se tinha do trabalho do grupo em uma cidade como Timbaúba, uma cidade do interior, onde o grupo tinha uma história, tinha toda uma aceitação até histórica de trabalho de extermínio na cidade, porque já existia outro



grupo anteriormente, que rompeu, dando margem assim para que o grupo de Abdoral se estabelecesse. Agora, papéis fundamentais e decisivos para que esse trabalho obtivesse êxito, na época, a posição da Dra. Marisa Silva Borges, Juíza de Direito, que tão logo decretou a prisão temporária de Abdoral, de forma muito corajosa, também concedeu 18 mandados de busca domiciliares. Esse trabalho foi feito, presidido por mim, com apoio de policiais militares. E conseguimos, com isso, colher material suficiente para que houvesse, para que instrísse as provas do inquérito de formação de quadrilha, como fitas cassetes, onde integrantes do grupo narravam, com alegria, com êxtase, como praticavam o crime, as expressões faciais da vítima no momento do crime, entre outras situações. Feito esse trabalho inicial, Abdoral, preso com algumas preventivas, nós, da delegacia de polícia, conseguimos... começamos a sentir as dificuldades advindas de uma situação dessa. Primeiro, porque com o espalhar da notícia de que Abdoral estava preso, alguns infratores, alguns militantes que estavam fora da cidade retornaram para Timbaúba e quiseram se estabelecer e praticar crimes. Outro fator também é que como a maioria das vítimas de Abdoral eram jovens adolescentes de famílias pobres, alguns adolescentes infratores também se sentiam à vontade para voltar a praticar crimes. Com isso, começamos a ganhar antipatia da comunidade, que às vezes reclamava, clamava pela volta do grupo. Então, não era fácil manter a situação sob controle. E, mais uma vez, a Dra. Marisa, de forma — repito — corajosa, expediu 16 mandados de busca e apreensão de adolescentes infratores, 12 dos quais conseguimos cumprir e conter, de certa forma, aquele momento difícil que a cidade passava. Várias outras colocações poderiam se fazer a respeito da passagem de Abdoral no Município de Timbaúba: arrastões de pessoas na frente de familiares; arrastões — expressão bem usada por eles — em pessoas que estavam em eventos, em festas, onde a vítima era colocada em uma motocicleta conduzida por um dos agressores e também era segurada por um terceiro que andava no bagageiro da moto. Esses crimes, a princípio, eram praticados por Abdoral, mas com o passar do tempo ele geria a situação de articular, de definir a vítima, de propiciar os meios de execução com armas, veículos e também de garantir o patrocínio. Infelizmente, durante todo o trabalho de investigação não foi possível punir os patrocinadores. Não existe uma criminalidade dessa monta por



tanto tempo se não existir alguma finalidade ou algum patrocínio para isso. Como para que se provasse esse elo de relação entre o grupo atuante e também os patrocinadores era preciso até que eles mesmos confessassem ou que se encontrasse outro tipo de prova, nenhuma das pessoas que, segundo o boato no Município, patrocinava, foi possível indiciar e também punir. Um fator característico desse trabalho é que ele veio desarticular a ação de um grupo que, por muitos anos, aterrorizava o Município, impedia que ações penais prosseguissem, mas que tiveram como fatos de contribuição a ausência do Estado no tocante ao policiamento ostensivo, no tocante ao combate à impunidade. Graças ao trabalho conjunto foi possível concluir alguns inquéritos de homicídio, mas o andamento do trabalho da delegacia aumentou em termos proporcionais, uma vez que com a prisão de Abdoral as pessoas começavam a procurar mais a delegacia. Então, foi feita uma designação pela Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco para que uma equipe de delegados fossem até Timbaúba para dar prosseguimento aos inquéritos que lá se encontravam. Essa equipe de policiais, integrada também por Dr. Mozart dos Santos Araújo, que depois disso foi parar em Itambé, passou alguns meses em Timbaúba e conseguiu concluir alguns inquéritos que já haviam sido indiciados. Mas o trabalho não parava por aí. Nós tínhamos que manter sob controle a criminalidade. Então, mais uma vez, com o trabalho conjunto e incessante do Ministério Público e também do Poder Judiciário de Timbaúba, foi possível conter pequenos grupos que se insurgiam diante da prisão de Abdoral, como se quisessem tomar o lugar. Ele servia, muitas vezes, até de ídolo para jovens, patenteando assim uma total inversão de valores, porque o grupo de Abdoral era quem dava as ordens, era quem dominava. Para certa forma, para aqueles jovens, para aquelas crianças, demonstravam *status* de forma negativa. Deixo aqui o registro desse trabalho, a ação conjunta, mas sem usurpação de funções. A polícia judiciária, a delegacia de polícia, teve que fazer o seu papel, auxiliada de forma direta, de forma bem equilibrada, pelo Ministério Público, mas sem nunca o Ministério Público fazer o trabalho da polícia. Isso eu deixo bem claro, até mesmo porque hoje existe no Estado um crescimento muito grande da atuação da segunda sessão da Polícia Militar. Em Timbaúba não foi preciso que esse pessoal interviesse no trabalho e fizesse o trabalho de investigação. Nós sempre contávamos, sim, com a Polícia



Militar como parceira, a Polícia Militar complementando o trabalho de policiamento ostensivo, auxiliando nas buscas, auxiliando nos cumprimentos de mandado de prisão, mas sem usurpar, sem tomar o papel de Polícia Judiciária, que é feita por policiais formados, policiais de carreira. Outro aspecto também era a dificuldade que nós tínhamos devido à ausência de provas técnicas. Como os homicídios datavam de anos anteriores, a única prova técnica material que nós tínhamos, muitas vezes, era um simples laudo tanatoscópico, que era feito por um médico nomeado como perito, que estava de plantão e que nem sempre conseguia retratar a gravidade e a extensão da violência usada naqueles crimes. A maioria dos inquéritos não dispunham sequer de fotografias para que pudessem revelar, com firmeza, com clareza, o que realmente acontecia. Timbaúba hoje ainda conta com o mesmo efetivo que era desde a minha chegada. Nós conseguimos, de certa forma, oxigenar e, na época, 80% dos policiais que ali se encontravam, que eram antigos, eles foram substituídos. Então, se o Município tem uma criminalidade dinâmica, se passa por uma situação atípica e ainda mantém o mesmo número de policiais, hoje, isso significa que os problemas aumentaram. Por quê? Porque a demanda é crescente e, nas condições em que se encontra, a polícia não teria condições de dar prosseguimento aos fatos atuais e também procurar ir resgatando e dando continuidade aos fatos que se sucederam. Essa é uma colocação que faço do período que estive em Timbaúba. Estou afastada do Município há cerca de 1 ano. Vários motivos fizeram necessária a minha transferência de lá. E me coloco à disposição para qualquer esclarecimento. Que exemplo de um trabalho integrado, porém sem subserviência e sem usurpação de função, mas que pode confirmar e terminar com êxito, seja tomado, mas que sejam bem definidos os papéis, para que depois não haja atropelos e também não haja um excesso de vaidade por parte de nenhuma instituição. O trabalho foi possível. Ainda não foi na sua totalidade extirpado porque outras ações seriam talvez possíveis: a questão do roubo de cargas, a questão do tráfico de drogas, entre outros assuntos que foram elencados durante esse trabalho, que não foi possível ser aprofundado, poderão e deverão até mesmo ser investigados. Agora, cada instituição cumprindo bem o seu papel, de forma definida e transparente. Eu agradeço a oportunidade.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Bosco Costa) - Tem a palavra o nobre Relator, Deputado Luiz Couto.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Dra. Lenise, em primeiro lugar, parabenizá-la pela ação não apenas nesse caso específico de Timbaúba, mas também em outros inquéritos, em outras ações que V.Sa. tem assumido dentro do Estado de Pernambuco. Eu vejo e concordo com V.Sa., no sentido de que o trabalho tem que ser articulado, onde cada um, dentro da sua função específica... E a importância é de fazer com que a verdade possa parecer no sentido de não permitir que o excesso de vaidade possa atrapalhar, porque o excesso de vaidade encobre, muitas vezes, a verdade. E se passa uma meia verdade, que não é aquilo que nós queremos. Eu perguntaria, por exemplo, qual o total de assassinatos praticados e registrados na Comarca de Timbaúba, enquanto a senhora esteve à frente da delegacia? Ou seja, praticados, a senhora já encontrou lá uma série de assassinatos. Durante o período em que a senhora esteve, também, que assassinatos foram praticados, né? E como, se de fato, esses assassinatos se deu para identificar se as vítimas eram todas de Timbaúba ou eram de cidades próximas?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ao assumir a delegacia de Timbaúba, nós tínhamos um acervo de cerca de 133 homicídios. Isso no período de praticamente 8 a 10 anos. Em sua maioria, homicídio de autoria desconhecida. No ano de 1999, depois da chegada de Dr. Humberto e de algumas ações iniciais, mas sutis, esse número foi caindo, e nós tivemos 26 ou 27 homicídios. No ano de 2000 esse número caiu ainda mais, chegando à marca, em 2001, de apenas 13 homicídios ao ano. Quer dizer, praticamente desses 13 homicídios não existia nenhum deles mais com característica de extermínio. Com relação ao perfil dessas vítimas, eu não me reporto nem ao período que estive lá, mas antes algumas delas nem eram identificadas. Nós tínhamos também vítimas de identidade desconhecida. Quer dizer, inquéritos policiais que não tinham autoria conhecida, como também não tinham vítimas. E algumas, quando não eram identificadas, mostravam ser de Município ali próximos, até mesmo do Estado da Paraíba, que haviam sido trazidas ou desovadas ali, ou então mortas em outro local, ou mortas também em Timbaúba.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A ação do grupo de extermínio de Abdoral... a senhora falou que havia um grupo anterior. Parece que uma das primeiras ações de Abdoral foi uma disputa com esse grupo, em que parece que outro grupo todo foi eliminado. É verdade isso? Quem comandava o outro grupo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Abdoral ainda é muito jovem. Ele integrava o grupo que era das pessoas conhecidas por Ananias, Nilo Tempero. Já pela índole e até mesmo pela liderança que ele exercia, ele começou a recrutar pessoas, e dizem até que, em uma simulação, houve um confronto onde alguns desses líderes foram assassinados, outros presos e outros ficaram foragidos, estabelecendo assim um marco, em 1994 salvo engano, do início de Abdoral chefiando o grupo de extermínio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso, vamos ver mais esse grupo. Era Ananias conhecido como...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Nilo do Tempero também. Era o Grupo dos Baixinhos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Nilo do Tempero. Desse Grupo dos Baixinhos, algum membro não foi executado e foi aliciado para o grupo de Abdoral?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A maioria dos líderes não, só alguém que tinha participação indireta. Existe a notícia até de que alguns desses integrantes, depois da prisão de Abdoral, voltou ao Município de Timbaúba. O Nenê, conhecido por Nenê. Por sinal, fizemos várias incursões na tentativa de prendê-lo, e nunca foi possível efetivar essa prisão. Então, eu não sei se no momento ele ainda freqüenta ou visita a cidade de Timbaúba.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas ele era de Timbaúba mesmo ou de cidade vizinha, esse Nenê?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ele era de Timbaúba.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Timbaúba.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A notícia é de que ele está vivo ainda?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Está vivo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas tem algum outro membro desse Grupo dos Baixinhos que resistiu à ação de Abdoral e que se encontra vivo ainda?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, de forma atuante, não, que eu tenha conhecimento.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - De forma atuante não, mas que poderiam ainda estar vivos, não seriam eliminados?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, ainda há essa possibilidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Desses assassinatos que a senhora encontrou e daqueles que... durante o tempo em que esteve à frente da delegacia, deu para identificar... a senhora disse que, muitas vezes, a vítima era desconhecida, e a autoria, desconhecida sempre. Deu para identificar quantos tinham característica de ação de grupo de extermínio desses todos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Cerca de 88 foram selecionados, de autoria desconhecida, com algum indício de extermínio. Agora, ao longo de 10 anos, aproximadamente.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Dez anos. E durante o período em que a senhora este à frente... daqueles... 2000, 2001, 2002?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O que nós tivemos a confirmação foi um que a vítima chamava-se José Rodrigo, mas esse foi identificado e já deve estar em fase de instrução ou, salvo engano, o Abdoral foi condenado por esse crime.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Significa que após a prisão de Abdoral houve a diminuição de homicídios com características de grupo de extermínio?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eu diria não só a diminuição, mas por um bom período até mesmo a eliminação. Pelo menos no Município nós não registrávamos casos de homicídios de autoria desconhecida, uma vez que o homicídio sempre permanece acontecendo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A informação de que após a ação da CPI e a ação da delegacia, da delegada, do Dr. Humberto Graça, que era o Promotor de Justiça, e após um tempo voltaram a aparecer pessoas assassinadas naquela região.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, já com a formação... como se fossem de outros grupos. Por sinal, tivemos um comerciante que era



conhecido por nome José Galinha, que foi assassinado, mas aí numa ação de roubo, foi um latrocínio. Desse grupo foram identificados 6 dos integrantes, e 5 deles foram presos. Quer dizer, começavam a surgir outros grupos, mas que conseguimos na época conter, identificar.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Dos assassinos, quantos tiveram a autoria identificada?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Acredito que uma média de 70% deles, depois da prisão de Abdoral.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Depois da prisão de Abdoral?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Na história, tem os Baixinhos, tem o grupo chamado Anjos da Guarda. Tem mais algum outro grupo que foi identificado, em termos de extermínio naquela região?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olhe, no interior existe uma característica muito própria de um grupo de extermínio ter uma atuação mais definida. Na área metropolitana e Capital muitas vezes eles são mais interligados. Mesmo assim havia muitos indícios de que Abdoral trabalhava também em conjunto com o grupo que atuava em Itambé, em Alhandra, Pedras de Fogo. Alguns corpos eram desovados em Aliança. Encontramos, assim, alguns crimes que foram praticados pelo grupo em Vicência. Por sinal, na fita que foi apreendida e em que foi feita a degravação, eles narram ação que passavam pelo Município de Vicência. Quer dizer, existia, sim, essa conexão, essa atuação em Municípios diversos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Nessa relação de Abdoral... parece que ele tinha uma relação de muita proximidade com um sargento reformado da Polícia Militar que tinha sido delegado de Juripiranga, conhecido por cabo César. Isso corresponde?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, isso procede. Procede porque já era do conhecimento que Abdoral mantinha estreitas relações e algumas atuações com cabo César.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E com Antônio Gomes? Como é que aparece a figura Antônio Gomes?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ele tem um apelido o Antônio Gomes?

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Antônio Gomes foi preso também. Antônio Gomes era o empreiteiro que aliciava inclusive adolescentes para...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, no momento, com relação a Antônio Gomes, eu não lembro.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não lembra. Havia um total de componentes de cada grupo? Por exemplo: o Grupo dos Baixinhos era constituído mais ou menos de quantas pessoas?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, eu acredito que mais de 15 pessoas, porque o grupo, de certa forma, ele mantinha uma organização interna. Existiam aqueles jovens que apontavam, que conheciam as vítimas; existiam os executores; e até mesmo a característica do extermínio, praticado por Abdoral, é que logo após o homicídio, ele ou alguém de confiança dele ia até o local, normalmente onde se aglomeram as pessoas, que era uma forma de intimidar qualquer testemunha ou qualquer pessoa. Quer dizer, eles faziam uma visita ao local do corpo. Quer dizer, então, nessas ramificações do grupo de Abdoral foram denunciadas 22 pessoas. Mas eu acredito que existem outros que participavam de forma indireta e que não foram sequer identificados.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E a qualificação dos membros desse grupo? Eram policiais, funcionários, como é que era?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eram pessoas de diversos segmentos, também policiais. Por sinal, o soldado Corrêa, policial militar que estava na ativa, foi preso, preventivamente, por envolvimento nesse grupo. Agora, existiam vigilantes, existiam também jovens, adolescentes ainda sem formação alguma, pobres. Eu ouvi relatos de mães que, de forma muito emocionada, diziam que perderam os filhos quando eles conheceram Abdoral, porque eles saíam de casa. Quer dizer, era uma coisa mista.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Havia um processo de aliciamento de jovens?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - De jovens. Eles recrutavam aqueles mais dispostos, mais corajosos para que fizessem parte do



grupo, mas era uma integração mista de diversos segmentos. O próprio Abdoral mantinha cargo de confiança na Prefeitura, ele andava ou se mostrava junto de pessoas até mesmo consideradas influentes na cidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. O Abdoral ocupava uma função comissionada, mas parece que não trabalhava.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não trabalhava.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ele recebia... Há uma informação que foi repassada de que Abdoral tanto servia em alguns momentos ao comando da Situação do Município como também ele fazia serviços para a Oposição. Procede isso?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Procede. Ele, em conversa informal no presídio, durante uma das visitas que fiz, falava até que tinha esse cargo — como ele falou para mim que mantinha esse cargo comissionado —, mas, na verdade, ele era da Oposição, ele não era da atual Situação. E que havia ganho esse cargo comissionado, não sei se por algum favor ou por alguma coisa que teria feito à pessoa que assumiu a Situação na época.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso dos grupos, tem algum caso em que componentes do grupo, por querer sair do grupo, ou por ter feito algo que contrariou o chefe, ou não ter cumprido uma determinação do chefe, tenham sido eliminados?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Tem. Existe o caso de... mais de um dos casos, por sinal. Não lembro se é o Tota ou o outro, que eram... depois de um certo tempo, eles começavam a eliminar os próprios integrantes do grupo, o que, na gíria, chama-se queima de arquivo. Ou por aquela pessoa já ter participado de muitas ações, ou até mesmo por tentar se rebelar. O primeiro duplo homicídio em que indicamos 12 da quadrilha decorreu porque 2 traficantes se insurgiram contra Abdoral por não quererem manter o pagamento semanal para poder funcionar. Eles começaram a comprar arma, e se espalhou a notícia de que eles iam enfrentar o grupo de Abdoral. Por conta desse movimento, Abdoral reuniu em 2 veículos cerca de 12 pessoas, e eliminaram-se os 2 traficantes.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Quem foram esses 2?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Um se chama Boquinha e o outro Arnaldo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Que era membro...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eles eram apadrinhados pelo grupo; eles mantinham a boca de fumo e eram apadrinhados porque contribuía todo final de semana.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas no começo, ou seja, quando a CPI lá esteve, vocês pediram a prisão temporária de Abdoral e de Arnaldo. Era esse Arnaldo ou era outro?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, o que morreu, não; nenhum deles.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Esse Arnaldo era o outro, não era esse que foi...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Era Ronaldo a vítima, não Arnaldo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ronaldo. Nesse caso, lá em Timbaúba ocorreram alguns depoimentos, lá em Itambé e Pedras de Fogo, em que alguns jovens eram aliciados; primeiro, para cometer pequenos furtos no sentido de motivar a ação do grupo de extermínio como limpador, como fazendo uma limpeza e, por isso, teria a credibilidade, a confiança, o apoio e a aceitação da comunidade.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Da comunidade, é verdade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas também há um depoimento de que eles aliciavam adolescentes para venderem armas do tráfico, armas que eles conseguiam tirar. Também acontecia isso lá em Timbaúba?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Acontecia. A ramificação do trabalho de Abdoral, não só para induzir os jovens a praticar os furtos, como também a passar armas, apontar locais de arrombamento e outra série de crimes que poderíamos assim elencar. A dificuldade aí existia em conseguir estabelecer esse nexos, de provar que aquele fato acontecia em decorrência da ação de Abdoral, porque ele armava toda uma articulação; ele fazia uma indução e nem sempre aparecia diretamente no fato.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E no caso de jovens que eram aliciados, quem treinava esses jovens para o exercício de serem exterminadores ou executores de atividades criminosas?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Apesar de se intitular vendedor de redes, Abdoral possuía um razoável patrimônio para a condição de vida dele. Ele possuía casa no centro da cidade, possuía mais de um veículo e também um sítio, que era conhecido por Sítio dos Borges, o chamado quartel-general do grupo. Lá eram realizadas as reuniões e também até esse treinamento com armas; lá, nesse sítio, que fica a poucos quilômetros da cidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E eram policiais militares que treinavam essas pessoas?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Havia a notícia de que policiais militares não só participavam desses treinamentos, como também forneciam armas e munições.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Quantos foram presos e continuam presos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Do que eu tenho conhecimento, apesar do meu afastamento, cerca de 16 integrantes do grupo ainda permanecem presos. Já saiu, por sinal, uma sentença condenatória pela atuação do grupo de extermínio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E tem alguns que tiveram prisão preventiva decretada e estão foragidos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Tem. Acredito também que cerca de 6 deles ainda se encontram foragidos. Até mesmo porque, dando uma licença, depois desse período que as equipes foram para lá e que se retiraram, com certeza a delegacia de polícia não tem estrutura para continuar essas investigações. Então, eles estão respondendo pelos inquéritos que estavam feitos na época. Não havia uma condição de se parar o atendimento diário para continuar essas investigações.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Nesse caso dos inquéritos em que foi identificada a autoria e a vítima, os componentes desse Grupo dos Baixinhos, na sua maioria, foi eliminado ou então saiu, e alguns depois participaram do grupo de



Abdoral. Mas, desses componentes do grupo de extermínio, quem efetivamente até hoje foi responsabilizado por assassinatos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O maior executor de homicídios do grupo de Abdoral chama-se José Heron Gomes. O Heron, acho que figura em mais de 10 homicídios.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O Heron tem um apelido ou é Heron mesmo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É Heron mesmo. Ele era uma pessoa muito ousada. Com a prisão de Abdoral, ele fugiu do Município, e depois de praticamente 3 a 4 meses ele teve a ousadia de ligar para mim na delegacia. Ele ligou, um policial atendeu, ele pediu para falar comigo, e quando eu atendi ele dizia que era Heron. Por coincidência, eu tenho um filho que se chama Aron, e o policial, quando chegou para passar a ligação, pensava até que se tratava do meu filho. E, nessa ligação, ele dizia que os otários estavam presos, e que eu fosse buscá-lo: *“Venha me buscar, venha me prender”*. Eu até, a princípio, fiquei assustada, mas depois tentei ganhar tempo na conversa. E ele dizia que já tinha me seguido várias vezes e que não conseguiu me eliminar. Graças a essa ligação, foi possível identificar que ele estava no Estado de São Paulo e, em contato com a polícia de lá, Heron foi preso em São Paulo. Então, Heron, eu acredito, que representa um dos maiores executores na parte de linha mesmo de frente de homicídio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E ele encontra-se preso onde?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Encontra-se preso.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Em São Paulo ou em Pernambuco?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não. Ele se encontra preso, a última notícia que eu tive, no presídio de Canhotinho. Porque alguns integrantes do grupo foram presos e também foram para o mesmo presídio de Abdoral, causando uma situação difícil, até porque alguns contribuíram. Grande parte desse trabalho. Grande parte desse trabalho, a princípio, foi feito porque um dos integrantes que, diga-se de passagem, antes da minha chegada, vivia pela delegacia como se fosse um araque, um informante, ele foi chamado e, não só na



delegacia como também na Promotoria, ele relatou vários fatos. E depois foi decretada a prisão preventiva dele, e ele se encontra preso.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O Heron?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, o Severino Camelo, que é o Nenê Caçador. Em grande parte dos homicídios ele contribuiu.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Que seria uma espécie de araque de polícia?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, que seria um araque.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Já que você falou de araque de polícia, há uma presença muito grande de arakes de polícia. Agora, no caso do assassinato do Flávio Manoel, que é um dos suspeitos, é um araque de polícia que foi levado para Pedras de Fogo, segundo informação do Delegado Marcelo Jorge. O Lula Tomé também foi... ou seja, os tiros partiram de uma arma de um araque de polícia também da Paraíba. A presença de arakes de polícia é uma constante nesses grupos de extermínio?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Agora, deve-se levar em consideração que hoje, com a polícia de carreira, em muitas delegacias se eliminou a figura desse informante, desse araque que acompanhava nas investigações. Claro que o trabalho de polícia não sobreviverá sem os informantes, mas não com o espaço que eles mantinham antes, de estar mesmo atendendo, entregando intimação, andando armado. Então, esse informante, esse araque, no caso específico de Timbaúba, ele foi afastado tão logo eu assumi a delegacia. Então, hoje é bem menor a participação desses arakes, desse pessoal nas delegacias. Agora, é muito comum a participação deles em grupos de extermínio, até mesmo porque para querer demonstrar *status* de estar sempre próximo da polícia, próximo de armas e próximo também do pior, que é de informações.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E de ter uma carteirinha também e poder entrar em qualquer local.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, mas hoje essas carteirinhas praticamente não existem mais no Estado.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas Abdoral possuía uma carteirinha?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Possuía. De agente de menores, se não me engano.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Algumas testemunhas e algumas pessoas relatavam até ser atendidas por Abdoral na própria delegacia, onde ele atendia as pessoas, aconselhava ou até mesmo espancava.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. O perfil das vítimas e a motivação dos assassinatos, deu para identificar?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, a maioria das vítimas era jovens, pobres, envolvidas em algum tipo de furto. Mas aí não seria único. Abdoral também sentenciava e resolvia problemas familiares, dívidas, quer dizer, ele servia de referencial para qualquer tipo de problema. Quando eu assumi a Delegacia de Timbaúba, eu estava vindo de um Município bem menor: Aliança. E eu estranhava que, às vezes, passava um dia inteiro e ninguém procurava a delegacia para registrar qualquer queixa. Acho que nem perda de documentos o pessoal não procurava. Por quê? Porque os conflitos familiares, as pequenas brigas de vizinhos, de casal, que normalmente se leva ao conhecimento da delegacia, eram resolvidos por Abdoral, até mesmo na casa do Arnaldo, que é o Naldinho, que ficava num dos altos da cidade, as pessoas eram levadas para lá, e ele resolvia. Diante dessa situação, eu e Dr. Humberto Graça começamos a tentar ganhar a confiança da comunidade, participando de encontros em colégios com jovens, reuniões de pais em escolas, passeatas de Dia Internacional da Mulher. A qualquer evento social nós fazíamos questão de estar presente, que era justamente para poder conhecer as pessoas, conversar... reunião em associação de bairros. Quer dizer, a finalidade maior não era só levar informação, era também tentar aproximar as pessoas, porque nos primeiros dias meus na Delegacia de Timbaúba eu não atendia ninguém, e as poucas pessoas que procuravam depois voltavam e diziam: *“Doutora, eu quero retirar a queixa, não quero mais que a polícia interfira nisso, não”*.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Porque Abdoral resolvia todas...



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ele resolvia; ele sentenciava e julgava. Ele fazia de forma rápida. Então, as pessoas, por medo ou também por conta da celeridade da ação dele, não procuravam a Polícia.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ele era a Polícia e a Justiça.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Era um Deus, né?

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Um Deus. E a motivação era só em relação a isso aqui ou também tinha... como, em alguns casos, um dos grupos de extermínio também fazia cobrança de dívidas.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, a motivação nem sempre era direcionada ao executor do crime. Se fôssemos fazer um paralelo, o executor muitas vezes conhecia pouco a vítima. Agora, a motivação do crime podia decorrer também da cobrança de dívida, de uma pequena infração, ou até fatos assim mais corriqueiros, ou a queima de arquivos...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ação trabalhista, entraram com ação trabalhista?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ação trabalhista; tivemos notícia do desaparecimento de pessoas que foram receber uma indenização e depois desapareceram.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Alguém que, como diz na linguagem... “batia com a língua nos dentes”, também?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Também, qualquer pessoa que... Tinha alguns casos de testemunha de casos anteriores que estavam na Justiça, que morriam para servir de exemplo, ou até mesmo ele determinava que se ausentasse da cidade. Ele dava um prazo, e aquele prazo teria de ser cumprido para que aquela pessoa saísse do Município.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A dificuldade que a senhora colocou de identificar mandantes. Ou, seja, houve alguma identificação de algum mandante de algum desses crimes?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, que eu lembre, não. A não ser o próprio Abdoral respondendo em co-participação. Mas que consigamos, assim, provar que tal crime teve uma vinculação porque Fulano mandou, não. Agora, existem notícias de que esses crimes muitas vezes eram encomendados.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas não havia, por exemplo, de que algum senhor de engenho, algum empresário, algum político teria encomendado uma ação dessa?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, em caso específico, não. Não foi possível detectar. Apesar de que nós da Polícia da Civil envidamos esforços, os próprios membros da CPI Estadual também, por se dar notícia de que um duplo homicídio de Abdoral, praticado em Campina Grande, nunca se conseguiu definir ao certo o Município. Teria sido por encomenda de um político da área.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas corria à boca pequena essa informação de que por trás havia mandantes...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Mandantes, mandantes.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - ... patrocinadores.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Patrocinadores, é. Porque ele adotava a seguinte prática: nos finais de semana, os integrantes do grupo visitavam os estabelecimentos comerciais e recebiam uma quantia "x" de cada comerciante, que contribuía de acordo com o tamanho da sua empresa ou até afinidade. Chamamos algumas das pessoas citadas. Um informaram desconhecer por total a ação do grupo; outras reconheceram que às vezes contribuía por medo, um receio de ter o seu estabelecimento depois roubado ou sofrer qualquer retaliação; e outros até não afirmavam, mas demonstravam ter uma certa relação de amizade com Abdoral.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E, nesse caso de patrocinador, alguém foi... conseguiu identificar algum patrocinador?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, que eu lembre efetivamente, não. Agora, diga-se de passagem, que tão logo foi preso, Abdoral constituiu um dos melhores advogados do Estado.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Essa é uma realidade que também aconteceu também com a prisão do cabo César e também do Flávio e de outros, na Paraíba, onde uma banca de advogados de Recife foi contratada. E parece que não é um só, ele tem vários escritórios em Pernambuco.



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, para um simples vendedor de rede, deixa uma disparidade muito grande entre o nível do advogado que foi contratado e a condição financeira dele.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Normalmente, essas pessoas, quando nós começamos investigar, elas diziam, no caso do cabo César, que eram pessoas pobres, que não tinham... Mas aparece, em alguns momentos, a figura do laranja, que é alguém que coloca os bens e fica com a procuração, e ele não pode fazer nada. A figura do laranja também apareceu em algum desses casos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, que eu lembre, não conseguimos identificar assim alguém que servisse para representar isso aí.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O Claudinho, que foi preso agora, suspeito da morte do Flávio Manoel, ele afirma que era laranja de alguém, que ele representava outras pessoas que não podiam colocar os bens porque poderia acontecer alguma prisão, e eles colocavam em nome dele ou de outras pessoas. Lá não foi possível identificar isso?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, não, os bens que nós identificamos eram do próprio Abdoral. Agora, existia uma rotatividade muito grande com relação a veículos. Ele sempre estava trocando de veículos, e veículos até considerados caros para o poder aquisitivo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E as armas que eles usavam?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A questão das armas... logo depois da CPI cumprimos os 18 mandados de busca domiciliar e não conseguimos encontrar. Houve até notícias de que essas armas poderiam estar escondidas numa escola pública lá do Município. Requeremos a busca domiciliar, a Dra. Mariza concedeu, eu presidi essa busca na escola, e mesmo com os alunos em aula foi possível verificar todas as salas. E não conseguimos encontrar essas armas. Depois do fato passado, tomamos conhecimento de que, poucos dias antes da audiência da CPI, essas armas teriam sido retiradas do Município de madrugada.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Nesse caso do grupo de extermínio, era uma ação isolada de extermínio ou por trás dessa ação também havia a ação de tráfico de armas? Você já colocou que havia também a ação de tráfico de drogas,



porque algumas pessoas tinham que pagar pedágio para continuar. Também roubo de carga acontecia nesse caso?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Há notícias de que existia o roubo de cargas. Por sinal, o próprio China, o Rinaldo Vieira Cirino, relata que já fez o transporte, no Sítio dos Borges, de uma carga que teria sido roubada. Mas durante os inquéritos que eu fiz eu não consegui prender, apesar de a gente pedir apoio da delegacia especializada de roubo de carga. Mas há notícia de que Abdoral também participava dessa transação de roubo de carga. É porque nem sempre a atuação dele era só em Timbaúba. E também...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E era onde mais a atuação dele?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Nos Municípios próximos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Por exemplo...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Às vezes, ele também praticava homicídios ou desovava em Aliança, Pedras de Fogo, Itambé.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Em Condado?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Em Condado. Quer dizer, em toda aquela área existia uma certa ramificação e uma certa infiltração de maior ou menor proporção. Então, muitos fatos não foi possível confrontar. Era tudo muito dinâmico. Era pouco tempo que se tinha para muita coisa.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Camutanga tem alguma também...  
Camutanga, Macaparana...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Macaparana sim, principalmente na estrada que liga Timbaúba a Macaparana. Existiu um duplo homicídio que foi investigado, em que as pessoas morreram na área do Município de Macaparana, mas que haviam sido arrastadas à Timbaúba.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E tráfico de armas?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Efetivamente, não foi constatado em inquérito. O que se tinha eram notícias.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A senhora falou no início que, quando chegou à cidade, ao Município, a delegacia estava quebrada, sem nenhuma condição. Quantas pessoas tinha, além da delegada, na delegacia?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eu contava com um efetivo de 1 escrivão de polícia e 8 agentes.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E a Polícia Militar na cidade, qual era...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eu acredito que o efetivo não se excedia a 30 policiais militares. Quer dizer, contando-se os afastamentos necessários, as férias, licenças e também a escala de serviço, na minha delegacia eram 2 agentes por dia, e eu colocava 2 no expediente para dar suporte.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Para uma população de quanto?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - De cerca de 66 mil habitantes.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Após a sua chegada ao Município, a estrutura da Polícia Judiciária e Militar melhorou, continuou nas mesmas condições, piorou? Quais eram as condições para se fazer uma investigação efetiva?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Nós contamos de imediato com o apoio do próprio Poder Judiciário e do Ministério Público. Fizemos um levantamento das necessidades, passávamos para o Promotor e para a Juíza, e na aplicação de penas alternativas as pessoas cediam materiais para a delegacia, como computador, fax, máquina fotográfica, cones de sinalização e outra série de... Até material de construção, fogão, alguns objetos que eram necessários para a infraestrutura da delegacia. A Secretaria, a princípio, não teve condições de contribuir, não pôde contribuir, e depois mandou um computador. Mas a estrutura da delegacia praticamente era mantida por essa contribuição que vinha dos TCOs, das penas do TCO.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Veículos vocês tinham?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Contávamos só com uma viatura, que passava a maior parte do tempo quebrada, e uma cota de combustível limitada. Quando da minha saída, conseguimos um veículo novo e deixamos lá.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Rádio e telefone. Também tinha rádio para serviço de...



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Rádio de comunicação também não possuímos, depois é que foi instalado. E o telefone, às vezes, contávamos com períodos que estava bloqueado, alguma coisa nesse sentido.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Deu para identificar, no levantamento feito, indícios de envolvimento ou omissão de membros da Polícia, do Ministério Público, do Judiciário, do Legislativo, do Executivo com componentes desses grupos de extermínio?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, como componente diretamente, não, até mesmo porque seria muito vã fazer uma afirmação dessa, se não tivessem sido denunciados, se não tivessem sido indiciados até mesmo. Mas durante a época houve algumas investigações, a transferência de uma Promotora de Justiça que na época era titular da 1ª Vara da Comarca de Timbaúba. Houve também o chamado para responder de um ex-delegado do Município e a imputação a alguns políticos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Da região?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Da região. Do próprio Município de Timbaúba

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E também a nível estadual ou não? Teria nomes de políticos que teriam atuação na área, que dariam uma proteção ou apoio?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Havia comentários, mas nada que ficou efetivado, comprovado com inquérito, com indiciamento, com denúncia.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Deu para perceber na sua fala que havia um relacionamento desse grupo de Abdoral com componentes de grupo de extermínio que atuava na região de Itambé e na região de Pedras de Fogo e redondeza. Essa ação era só uma ação que tinha Abdoral ou tinha outros componentes do grupo que também tinham esse envolvimento, esse relacionamento com a Paraíba, principalmente com Pedras de Fogo e Itambé?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, não só de Abdoral, mas também de outros, como Carlinho, o mototaxista que até hoje se encontra foragido; e um outro, o Carlito, que foi assassinado em Itambé, se não me engano,



no carnaval do ano de 2000, que também mantinha esse elo de ligação com esses outros grupos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Há uma figura que aparece sempre, que ela está presa, parece-me, em Timbaúba, que tem como apelido China. Esse China foi preso também naquele momento em que Abdoral foi preso, era um dos componentes...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Era. China possui vários mandados de prisão, mas desde o início ele sempre colaborou, até foi instruído dos benefícios da delação. E ele sempre colaborou com informações não só diretamente comigo, mas também no trabalho que foi realizado por Dr. Mozart. Agora, ocorre que eu tomei conhecimento que recentemente ele teria prestado algumas informações em juízo e depois se negou a afirmar isso aí por ter sofrido algumas pressões. Eu não sei se procede, até mesmo porque eu não estou no Município. Isso aí por conta da posição que Abdoral hoje exerce dentro do presídio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ele sofreu durante... por essa colaboração, porque no caso o Luiz Tomé, que era o Lula Tomé, e ele colaborou com a CPI do Narcotráfico da Paraíba. Foi a partir dele que foi possível elucidar a ação da chacina de Alhandra, na Paraíba, em que alguns componentes foram presos, outros estão foragidos, mas o Lula sofreu um atentado e, em consequência do atentado, morreu. No caso do China, ele tem colaborado com a Justiça, tem colaborado com a Polícia Judiciária, com o Ministério Público. Ele se encontra preso em Timbaúba?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Em Timbaúba. Na cadeia de Timbaúba.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Ele sofreu alguma ameaça, alguma represália, alguma perseguição por isso? Chegou a dizer alguma vez que estava sendo ameaçado e que temia pela sua vida?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Recentemente, ele informou que teria sido até levado à presença de Abdoral. Agora, como se trata também de um envolvido em crimes, é bom que se filtre e se verifique a procedência total das denúncias dele, tanto no fato da atribuição de crimes, como também até mesmo de represálias ou de alguma ameaça que ele venha sofrendo.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso, o China seria uma pessoa que teria informações e que, caso aceitasse ficar como réu colaborador, seria de extrema importância para a elucidação da ação de extermínio naquela região.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Correto, até mesmo porque ele sabia detalhes da execução e ele relatava alguns dos crimes com riqueza de detalhes que só um integrante poderia relatar. Certos crimes, se não tiver alguém bem próximo que relate isso aí, fica difícil para que se possa provar por outro meio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A senhora disse que Abdoral, uma vez preso, teve para defendê-lo os melhores advogados de Pernambuco, um indício claro de que há uma sólida estrutura econômica por trás, não apenas uma estrutura que Abdoral possa ter. Mas a senhora suspeita de quem possa estar por trás, de quem pode ter dado esse suporte financeiro, ou Abdoral teria condições econômicas de manter esta estrutura toda, uma banca de advogados com os melhores advogados de Pernambuco?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Com certeza, eu não tenho informações de quem seria a pessoa. Agora, também analisando a condição de Abdoral, ele não teria condições financeiras de pagar isso aí.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não teria?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não teria.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Então, nesse sentido seria o caso... essa banca teria outras pessoas... A senhora não tem, porque não tem informação, mas que a situação de Abdoral seria impossível ele manter essa banca.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Não condiz com o nível dos advogados que foram contratados.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Dra. Lenise, a senhora disse que a primeira ação, quando chegou... Quando a senhora chegou em Timbaúba, quem era o delegado anterior?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Antes era o Dr. Salustiano, que passou poucos meses na cidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Passou poucos meses.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Aí ele foi para o Município de Aliança, e eu substituíu ele.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. A senhora disse que a primeira coisa foi interceptar Abdoral, interceptou um funcionário...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Meu.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - ... da delegacia, querendo saber como é que a senhora...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ia trabalhar.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - ... ia trabalhar.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Esse policial, Ivanildo Gomes Barbosa, ele já estava há 5 anos trabalhando... aliás, há 3 ou 4 anos trabalhando comigo. E antes de nós assumirmos a delegacia, Abdoral, lá em Aliança, encontrou com ele no posto de gasolina e foi falar com ele: *“A doutora está indo para Timbaúba. Como é que ela vai fazer lá? Será que ela vai mexer com a gente?”* E o meu policial respondeu a ele que não se preocupasse com isso, que eu ia fazer o meu trabalho independente dele. Esse policial depois até morreu. Ele foi assassinado em 2001.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Foi assassinado? E assassinado...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ele foi assassinado em Abreu e Lima. Foi vítima de um assalto, próximo à casa dele, quando estava de férias.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E foi identificado se teria alguma relação, se foi um assalto mesmo ou se teria sido um pretense assalto, no sentido de que ele sabia coisas e que não poderia continuar vivo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Para lhe ser franca, eu não sei ainda a conclusão desse inquérito. Na época, nós tentamos, assim, agilizar essa investigação, até porque toda uma equipe havia participado. Mas segundo o delegado titular do local, isso aí teria sido realmente um assalto, uma tentativa de assalto, que ele tentou reagir e foi morto. Não existiu, assim, uma vinculação com o trabalho que foi efetivado em Timbaúba. Mesmo assim, serviu de desmotivação para a equipe.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O fato é que Abdoral, além de realizar... de ter um cargo comissionado, de ganhar sem trabalhar, de também exercer a segurança privada, de fazer cobranças tanto de pessoas que cometiam atividade



criminosa e que pagavam pedágios, de fazer cobranças também de pessoas, de dar proteção a comerciantes, ele tinha uma relação muito forte até com autoridades políticas da região. É tanto que a senhora disse que o grupo dele foi o grupo que abriu o desfile de 7 de Setembro. É verdade que esse grupo de Abdoral também dava segurança a eventos fora de época, como carnaval fora de época, São João fora de época, vaquejadas e outros?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, correto. Aí intitulados, dessa feita com jaquetas de cor preta da segurança, de Anjos da Guarda. Agora, vale ressaltar que, para dar cobertura a determinados eventos, eles contratavam 30, 40 pessoas. E nem todos os integrantes desse sistema de segurança dos Anjos da Guarda faziam parte do grupo de extermínio. Mas ali no meio, em sua maioria, eram integrantes do grupo. Agora, algumas pessoas simplesmente eram contratadas para aquele serviço naquele dia, mas eles faziam segurança de carnaval fora de época, carnaval mesmo, São João, as festividades maiores do Município; a eventos públicos eles davam cobertura.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas havia também a turma do apito. Essa turma do apito... parece que alguns eram membros do grupo de extermínio, mas outros realizavam a tarefa de vigilância ou de espalhar um pouco aquele clima de pavor, de medo, da lei do silêncio, porque eles tinham acesso direto à coletividade. É verdade isso?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Essa turma do apito também. Em toda a parte de segurança Abdoral, na época, conseguiu se infiltrar. A vigilância de estabelecimento comercial, a vigilância noturna, vigilância em eventos. Ele comandava um grupo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Qual era, em termos da importância do ponto de vista da organização, as 3 figuras que a senhora citou e das quais foi solicitada a prisão temporária? Abdoral, na organização, era quem?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Era o chefe.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Arnaldo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Era o braço direito dele. A pessoa que respondia depois dele.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E Ronaldo?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ronaldo servia de intermediador entre o trabalho dos Anjos da Guarda e a Prefeitura local, uma vez que era ele quem fazia o pagamento dos seguranças, era ele quem recebia o dinheiro na Prefeitura. Aí mantinha esse contato com Abdoral.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Esse Ronaldo foi eliminado depois ou está vivo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, esse Ronaldo, acredito que ele ainda se encontra preso. Existe um outro Ronaldo que foi assassinado junto com Boquinha em uma outra situação. Não é o mesmo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Esse era o trio que tinha a condução da organização? Um era o chefe, o outro era o braço direito, e o outro era o tesoureiro que fazia a intermediação?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Que fazia a intermediação.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Era o secretário de finanças da organização. Pannels. Tem essa figura conhecida por Pannels?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O nome, assim, eu não estou conseguindo associar. Só se tiver um outro apelido, alguma coisa.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Está bom. O apelido era Pannels. Não havia, quando a senhora chegou lá na delegacia, nenhuma imputação de crime contra Abdoral?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não. Nenhum inquérito que pudesse ser concluído. Nenhum depoimento consistente.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Abdoral, inclusive, fazia parte de delegado... algumas vezes atendia as pessoas na própria delegacia.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Existem relatos de algumas pessoas que dizem que foram recebidas por Abdoral na delegacia que ele freqüentava. Agora, depois que eu assumi a delegacia, por nem uma vez ele foi lá.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Há informação de que Abdoral, mesmo preso em Pernambuco, ele continua coordenando a ação de dentro do presídio. Tem alguma informação sobre isso?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Tenho. Embora não esteja mais em Timbaúba, pouco tempo após a prisão, Abdoral assumiu a função de chaveiro no presídio, que, segundo a estrutura prisional, é um cargo de confiança. Ele tem uma certa liderança sobre os presos que ali se encontram. Então, há conhecimento disso já há algum tempo. Eu não posso também afirmar se, além disso aí, ele está comandando grupos diretamente, agindo em Timbaúba ou em outro local. Mas essa função que ele exerce dentro do presídio, de chaveiro, isso já é bem antigo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E que ele também teria celular e que com celular de dentro do presídio ele faz...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Existem comentários também de que ele induzia ou pedia alguns visitantes ou familiares para correr uma lista ainda, arrecadando dinheiro. Isso foi logo após a prisão dele. Eu não sei se ainda permanece essa situação.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso de Abdoral, só falta o pessoal lá dar uma arma, e ele ficar na guarita tomando conta do presídio. Porque, se tem a chave, com certeza pode ter até a chave da saída e sair, como Fernandinho Beira-Mar saiu, sem ter qualquer reação. Doze integrantes foram indiciados, entre eles Abdoral. E Abdoral acreditava que aquilo fosse dar em nada porque ele sempre teve a convivência, a omissão e a proteção. E, se essa delegada... *“Vai dar em nada mesmo, a gente vai, no final, sair de mansinho, porque o medo é grande, o pavor é grande, há uma desconfiança da comunidade com relação à ação da própria polícia, da delegacia. E a gente faz o toque de recolher, a gente tem o apoio da comunidade, e vai continuar”*. O que foi importante para que essa ação do indiciamento tivesse continuidade? O que a senhora considera importante, além da atuação da senhora e do Promotor? Que outras ações foram importantes para que isso não ficasse no esquecimento ou não desse em nada?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Um fator determinante que marcou um novo posicionamento das pessoas com relação à lei do silêncio foi, sem dúvida, a audiência da CPI. Por quê? Ela demonstrou um aparato policial, a influência que poderiam ter algumas pessoas ali presentes com relação ao caso. Abdoral confiava tanto na impunidade que muitas vezes deixava também muitos



vestígios, quer dizer, essa autoconfiança. As primeiras vezes que fui até o presídio tomar o depoimento dele, ele sorria, ele debochava da situação, com a certeza de que em poucos dias estaria fora dali. Quer dizer, esse trabalho de resgate de credibilidade junto à comunidade, junto às pessoas simples que eram vítimas ou parentes de vítimas, foi fundamental. E também esse levantamento de informações, o conhecimento local da situação. Então, interligando fatos... esse fator também da contribuição de um dos membros do grupo, antes mesmo do China, o Nenê Caçador, que é o Severino Camelo. Essas informações eram todas confrontadas. E procurar resgatar a credibilidade do cidadão comum, que tanto era a vítima, mas também era o principal colaborador, para que os inquéritos pudessem continuar e ser concluídos com êxito.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O recrutamento de jovens. Alguns eram recrutados para cometer crimes, para motivar a ação do grupo; alguns eram recrutados para ser apontadores; e outros eram recrutados para vender armas ou então eram preparados para se tornar pistoleiros. Qual era a idade do recrutamento? Eram jovens de que idade?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Isso é muito variável. Temos jovens, acredito, que a partir de 14 anos de idade ou até menos. Poderiam ali ficar para dar um recado, fazer um determinado tipo de serviço. Os executores têm, em média, entre 16 e 18 anos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Os apontadores também teriam também essa idade de 12, 13 anos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Doze, 13 anos. Faziam pequenos serviços para o grupo, porque ali eles já se espelhavam naquela situação, almejando, quando ficarem mais velhos, assumirem outra posição.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E de cometerem alguns pequenos furtos para justificar a ação do grupo também.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A ação do grupo também.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Eram jovens todos da cidade ou tinha jovens de outras cidades?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, do grupo que foi identificado, da cidade, a maioria da cidade.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Eram jovens, normalmente, que não tinham... qual a condição cultural e social deles?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Muito pobres, muitos deles não sabiam nem ler, semi-alfabetizados ou não alfabetizados, de famílias simples. Agora, nesse meio também existiam alguns outros que já... alguns adultos que trabalhavam em locais estratégicos, pessoas que já eram funcionárias, que também eram envolvidas na situação. O próprio Naldinho era marchante, o irmão dele também. Eles eram comerciantes, eles vendiam carne no mercado público.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E os jovens que trabalhavam no corte de cana-de-açúcar também eram aliciados para essa atividade?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Acredito que em número menor, se houver um ou outro caso, porque a cidade de Timbaúba, além do centro, também tem a zona rural. Então, em alguns sítios daqueles poderia se pinçar um ou outro participante, mas era menor, a maioria era da zona urbana.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - O Lula trabalhava com o empreiteiro Antônio Gomes, né? Há informação inclusive de que ele cometeu crimes também em Timbaúba;, foi chamado para fazer atividade lá e vice-versa. Esses 18 mandados de busca... vocês disseram que encontraram diversas provas, entre elas uma fita cassete. Além dessa fita cassete, que outras provas vocês encontraram nesse mandado de busca?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Nós não encontramos armas ou munições, mas encontramos artefatos para preparação de munição, radioamador, listas contendo nome de pessoas que participavam das questões de segurança, que serviram de base para que a gente pudesse confrontar e ver que tipo de relação ela possuía com as pessoas, e alguns outros objetos que foram todos encaminhados à Justiça.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Capuz também?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eu não lembro agora, no momento.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E aquela jaqueta dos Anjos da Guarda.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A jaqueta. Várias jaquetas dos Anjos da Guarda.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas capuz não se lembra se...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, não lembro...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Porque no início eles andavam encapuzados, depois...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, eles se apresentavam com a roupa toda preta.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Com a notícia da prisão de Abdoral, algumas pessoas, infratores, retornaram para começar, e começou a ter uma antipatia da comunidade. Não seria uma ação também do grupo de Abdoral, que, mesmo preso, diz: *“Olha, tem que voltar agora, para que a coletividade, a comunidade possa dizer que nós somos necessários?”* Talvez não fosse uma ação dele mesmo, que estaria fazendo retornar esses meliantes e infratores, para que justificassem a sua soltura, e ele pudesse retornar para fazer a limpeza?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, isso aí não pode ser descartado, agora também não ficou comprovado, até porque alguns deles, espontaneamente, alguns adolescentes, eles informaram que haviam retornado para o Município depois da prisão de Abdoral e que eles haviam sido ameaçados. Alguns desses infratores teriam sido, assim, possíveis vítimas de Abdoral, já haviam sido ameaçados anteriormente. Então, não é um fato descartado para que justificasse a resistência do grupo, mas também não foi um fato provado e que teria a indução dele para que esse grupo voltasse.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. A questão dos arrastões. Acho interessante isso. Esses arrastões... Eles arrastavam pessoas em frente aos familiares, mas tinha a figura do arrastão... eles saíam nos bairros enquanto o grupo todo para fazer uma ação articulada, todos paramentados com a sua farda, ou esse arrastão era mesmo no sentido de arrastar mesmo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, o arrastão podia ter essa característica de tirar a pessoa... Existe o caso do Rodrigo, que ele participava de um evento no carnaval fora de época, e foi retirado da multidão quando acompanhava o carnaval, e levado a uma área deserta, onde foi executado. Mas também o Abdoral dava toque de recolher em algumas áreas nos dias que praticava



homicídio. Quer dizer, havia uma exibição, quando eles estavam encapuzados, vestidos de preto, para que as pessoas soubessem que ali ele tinha o domínio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Mas eles costumavam tirar a pessoa dos locais, em frente aos familiares, para dizer: "*Olha, nós vamos tirar*". Puxava, saía. Tinha até o caso que eles colocavam uma corda e puxavam a pessoa numa moto. Era isso mesmo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É. Alguns casos isolados nesse sentido, mas também houve situações... Agora, a inversão de valores e o medo influenciavam tanto a família, que muitas vezes esse jovem, por não ser muito obediente ou estar envolvido em alguma coisa, os pais relatavam que aquele menino não era muito bom mesmo. Quer dizer, nós não contávamos nem com o apoio dos pais, que por medo ou qualquer outro motivo, de certa forma, até eram... não diria coniventes, mas aceitavam a atuação do grupo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Você falou que a partir de um momento Abdoral passou a ser um modelo e que pequenos grupos apareceram, querendo tomar o lugar de Abdoral. Eram grupos também de adolescentes, jovens, ou de gente já adulta?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eram mistos. Eram grupos mistos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Misto. E deu para identificar algum desses grupos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Deu, deu para identificar.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Quem seria o chefe desses grupos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O Bill da Burra, que era um adolescente, que acredito agora já deve estar na fase adulta, é sobrinho de uma pessoa que era muito próxima a Abdoral. Então, por várias vezes ele viu, quando criança, aquela preparação, aquela conversa, e ele relatava que achava aquilo bonito.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E o grupo de Bill da Burra tinha algum nome?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, eram... aliás, eram Os Mascarados.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Os Mascarados.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Os Mascarados.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. E quem mais, além de Bill da Burra?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Um outro grupo também, que foi que vitimou Ramos da Galinha, eu não diria que se espelhavam, mas sentiam-se à vontade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Quem? Bill?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, que vitimaram um comerciante conhecido por Ramos da Galinha. Que era formado por Dinho, Luquinha, entre outros. E eles se sentiram mais à vontade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Mas na época nós tínhamos um reforço policial, e foi possível prender e conter essa ação.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E tinha um nome, assim, como se fosse uma organização? Os outros eram Os Mascarados. E eles?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, esse aí eu não lembro.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não se lembra.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não lembro.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E desses tem notícia de que se encaminharam para o crime, ou essa atividade foi uma atividade mais motivada no tempo da adolescência e depois abandonaram? Ou alguns deles continuaram na atividade criminosa?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Eu desconheço, assim, efetivamente quem abandonou. Porque, quando eu saí, alguns estavam presos, outros internos ainda na FUNDAQ. Eu não tive condições, assim, de acompanhar o desenrolar para afirmar...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Era o Luquinha...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O Binho ou Dinho. Eu tenho esses dados melhor aqui.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Alguns deles estariam ...



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Presos.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - ... presos, e outros teriam já cumprido medida socioeducativa e saído.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - E saído.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Alguns desses foram eliminados ou não?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Até o momento eu desconheço.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Desconhece. Com relação às provas dos inquéritos. Primeiro: na maior parte dos crimes não havia um laudo cadavérico feito por um médico do IML ou do Instituto de Polícia Científica. Era normalmente um médico que não tinha preparação para isso que dava um atestado. Era isso mesmo? Quando tinha?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, no interior não funcionam... disponíveis o Instituto de Criminalística e o IML. Então, na maioria dos casos, quem faz o levantamento de local de crime é o próprio agente de polícia, é o policial que vai ao local, quando pode tira algumas fotografias, apreende alguns objetos. E não existe o exame de local de crime. Na Capital, na área metropolitana, nós dispomos disso. E os laudos, nem sempre o corpo é encaminhado para o IML, exceto quando é uma causa desconhecida, alguma coisa assim. Então, esses laudos são feitos por médicos plantonistas do hospital. Quer dizer, eles não têm aquela capacitação técnica.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - É laudo, é somente para o atestado de óbito ou como é?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, é feito o atestado de óbito e também um laudo tanatoscópico. Nós encaminhamos um formulário próprio, o médico vai preencher aquilo ali, uma portaria nomeando o termo de compromisso e o laudo.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Fotografia quase sempre não tem.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não tem.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não tem.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Só quando às vezes a própria família da vítima é que dispõe de meios, porque a delegacia não possui. Nós



conseguimos ainda uma máquina fotográfica, mas nós não tínhamos verba específica para essas despesas de fotografia.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E no caso dos crimes em que a vítima era queimada? Teve algum caso de vítima que foi queimada mesmo?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Tem, tem 1 caso. Nesses casos mais graves, ou então quando a vítima é de identidade desconhecida, nesses casos, sim, são encaminhados para o IML. Então, o laudo já vai ficar mais circunstanciado.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Lá teve algum caso de vítima que tinha as mãos cortadas ou o pescoço desligado do corpo, e corpo degolado, sem cabeça? Teve algum crime lá nesse sentido?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - No momento eu não lembro, assim, com detalhe, não. Efetivamente, não. Mas às vezes eles eram vítimas de muitos tiros.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Porque há um depoimento, não sei... da Paraíba, de que, por exemplo, uma pessoa, quando era conhecida, para que não houvesse qualquer identificação, quando eles não conseguiam queimar, eles cortavam as mãos, cortavam os pés e a cabeça, e enterravam num local, e a outra parte eles queimavam. Lá, deu para investigar algum desse tipo de crime?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, não assim nesses termos. Houve o caso de encontrarmos uma ossada, alguma outra vítima não identificada, mas não especificamente para afirmar que usavam essa técnica aí para dificultar a identificação.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A senhora falou o seguinte: que ficou de agosto de 1999 a setembro...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - De 2002.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - ... de 2002, em Timbaúba. Depois, foi para onde, depois disso aqui?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Depois eu passei cerca de 1 mês e meio na DPCA, o Departamento de Atendimento à Criança e ao Adolescente, tanto vítima como infrator.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Hoje a senhora está...



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - No Município do Cabo de Santo Agostinho.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Esta realidade também... tem informação de que essa questão de extermínio também há naquela região?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A cidade do Cabo, há alguns anos, era conhecida como a cidade da morte. Hoje esta situação não permanece, até mesmo porque lá, por ser área metropolitana, existem os grupos de extermínio, mas com algumas características e peculiaridades diferentes da maneira como agia Abdoral.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. E quais são essas características desses grupos lá, em Cabo de Santo Agostinho, com a região metropolitana?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Os grupos de extermínio nas áreas metropolitanas e Capital têm participação maior de policiais civis e militares, de ex-policiais. Muitas vezes a participação de comerciantes, indiretamente. É como se houvesse uma melhoria no nível até social dessas pessoas. Outra característica também é a atuação, principalmente nos finais de semana, feriados, onde se sabe que os efetivos das delegacias diminuem, funcionando apenas o plantão. Quer dizer, existem áreas certas de desova. Então, esses grupos de extermínio têm outras peculiaridades: eles se movimentam mais e se relacionam mais; um grupo do Cabo com o de Cavaleiro, com o de outras áreas; eles são mais ágeis; a investigação é mais difícil.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Há uma articulação maior entre eles.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Maior.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E eles podem atuar em vários... o mesmo grupo que tem atuação...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - O mesmo grupo: 2 atuam aqui, 2 vêm de lá. Quer dizer, dificulta muito. Um corpo daqui é jogado em outro local. Eles têm essa mobilidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Lá nessa região pega Cabo de Santo Agostinho, Cavaleiro, Cabo...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Jaboação, Prazeres...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Jaboação, Prazeres etc.



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Escada...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Escada. Recife também?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Alguns casos também, porque por serem pessoas de condição melhor, eles têm mais mobilidade, carro, essas coisas todas.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - A senhora, antes de ir para Timbaúba, trabalhou em Aliança. Também naquela região?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, Aliança bem menos. O que tínhamos em Aliança, às vezes, era até um respingo da atuação de Abdoral.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. A senhora disse que foram vários os motivos que fizeram... responsáveis pela sua saída do local. Falou isto numa frase: *"Foram vários motivos que fizeram a minha ida, minha transferência para"*... Que motivos foram esses?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Nada diretamente vinculado ao grupo, até mesmo porque acredito que um trabalho policial mais eficiente, depois de um certo tempo, se não houver fatores de estímulo, de motivação, ele tende à acomodação. Não houve nenhuma questão administrativa grave, mas também a vontade de outras experiências, a facilidade de vir para a Capital, quer dizer, essa possibilidade, nada especificamente ligado ao grupo. Daquela época quem ainda permanece em Timbaúba só a Dra. Mariza, Juíza de Direito.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Como cidadã, como delegada, como pessoa preocupada com a elucidação dos crimes, para vencer a questão da violência, que propostas a senhora teria no sentido de combater a ação dos grupos de extermínio, para que essa ação tenha resultados práticos, agora mais em termos de propostas? Para combater esse tipo de atividade, o que é necessário da parte do Poder Legislativo, Executivo, Judiciário, Ministério Público, das forças policiais?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - A visão que tenho reflete bem a experiência que passei. Primeiro, teria de haver uma ação de choque, uma certa questão de combate à impunidade, mas olho com muita reserva a criação de grupos de força-tarefa para essa atuação. Acredito que o fortalecimento... se equipar e se dotar de meios, o policiamento do local é mais eficaz. Por quê? Porque o crime



é muito dinâmico. Então, não adianta vir uma força-tarefa cuidar de assunto específico e sair do local. Então, o fortalecimento da delegacia local seria um dos fatores de combate à criminalidade. Outro fator também seria a integração do trabalho das Polícias Cíveis, Militares, do Ministério Público, do Poder Judiciário. Agora, sem haver usurpação de função, cada um respeitando os limites da atuação, entrelaçando informações. Outra situação também seria a punição severa para os policiais envolvidos nesses casos, que eu entendo que sejam muito responsáveis pelo vazamento de informações, até mesmo porque eles têm o conhecimento de todos os meios que a Polícia dispõe para o combate a esse crime. Então, não acreditem em ações mirabolantes, medidas especiais. Se cada instituto desenvolver bem o seu papel, com compromisso, com responsabilidade, vai se conseguindo restaurar a credibilidade das pessoas, vai se conseguindo não só a ação de grupo de extermínio, mas como de qualquer outro crime. Uma polícia bem dotada, cumprindo o seu papel de Polícia Judiciária, fazendo uma investigação bem feita, dotada de provas técnicas, pessoas com respaldo, pessoas com compromisso, com seriedade, é possível fazer um bom inquérito. E com esse bom inquérito haver uma denúncia e haver uma punição. Agora, contanto que haja uma integração e que haja uma certa agilidade. Nós lidamos muitas vezes, até por força da legislação, com uma certa decepção das pessoas. Por exemplo: o termo circunstanciado de ocorrência é uma excelente medida de celeridade, mas muitas vezes frustra aquela pessoa que foi agredida, que foi ameaçada, que vê simplesmente aquela pessoa chegar na delegacia assinar um termo, não pagar fiança, não ir preso e de imediato retornar ao convívio. Quer dizer, são medidas que fogem um pouco da esfera do trabalho policial, essa questão mesmo da legislação. Mas para esse trabalho, equipar a polícia local, dotar de meios para que ela possa desenvolver, no mínimo, o trabalho policial, acredito que já é de bom tamanho.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Dra. Lenise, hoje em Pernambuco, além daquela região onde a senhora hoje atua como delegada, a senhora tem conhecimento da ação de grupos de extermínio em outras regiões, em outras localidades do Estado?



**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Sim, é comum ouvirmos a divulgação de grupos de extermínio em Paulista, em outras áreas, em outros Municípios.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Olinda também?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olinda. Quer dizer, é como se cada local tivesse a atuação de um grupo, cada um com suas características. Então, o que se adotou em Timbaúba, em termos práticos, pode servir para outro local, mas é preciso que se conheçam as peculiaridades daquela região para saber onde entrará a questão de combate.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Então, no caso, a gente poderia dizer que na Grande Recife há uma incidência grande de ação de extermínio com aquelas características de ser um membro que tem uma liderança e que tem uma rotatividade muito grande: alguém atua aqui, daqui pode estar atuando em outros Municípios. Mas há também uma incidência que antigamente era na mata sul de Pernambuco, na divisa com Alagoas, não é? E hoje na mata norte de Pernambuco com a mata sul da Paraíba. Seriam esses locais onde teria maior incidência?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Acredito que essa figura mudou um pouco ao longo do tempo. Ela hoje se concentra mais próximo das áreas centrais, até mesmo pela área metropolitana, áreas de favela, entre outros fatores sociais que contribuem também para a disseminação disso aí.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Eu tenho umas figuras aqui. Veja se essas figuras apareceram lá em alguma investigação: Luiz Tomé da Silva Filho, conhecido por Lula.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, eu não lembro nesses inquéritos que eu fiz, não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Severino José da Silva, conhecido por Biu de Jurema.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Biu de Jurema. Ele também foi indiciado e denunciado no inquérito de formação de quadrilha. Aparece em alguns homicídios, mas ele ainda se encontra solto.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Há uma prisão preventiva, por causa da chacina de Alhandra, contra ele. E ele... no caso, o endereço dele é Rua São Cristovão, 965, Timbaúba, Sapucaia, Bairro Timbaúba. Tem alguma informação se...

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Com a prisão de Abdoral, um fator até que facilitou para que a gente identificasse com mais certeza quem eram os integrantes foram as fugas. Então, desde a prisão de Abdoral que Biu de Jurema fugiu de Timbaúba.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Fugiu?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Fugiu. Então, não foi possível prendê-lo. Já houve notícia...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Então, esse endereço é apenas o endereço formal.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É o endereço formal, mas ele não está mais lá. Ele, como tantos outros que, com a prisão de Abdoral, fugiram. Quer dizer, de certa forma até facilitou para que se identificasse.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Flávio Inácio Pereira, soldado da Polícia Militar da Paraíba.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não. Esse nome também, nos casos que eu fiz, eu não lembro.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Um soldado de nome Marcos, que teria a sua moradia em Goiana.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, também não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Renan Virgulino.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, também não lembro.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Aluizio, conhecido como Aluizio Bigodão.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não teve nenhum inquirido em Pernambuco? Cabo César.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Cabo César era muito conhecido na área.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso do cabo César, que já não está mais vivo, mas que teria sido, segundo as informações, juntamente com Abdoral, um



dos grandes responsáveis pela maior parte das ações naquela região. Eu queria dizer, Sr. Presidente, que eu fico muito contente pelo depoimento aqui, pelas informações que a Delegada Lenise Valentim traz para nós. A gente sabe que, onde ela está e onde são dadas as condições, ela vai a fundo nas investigações. Por isso nós achamos muito importante o depoimento que nós tivemos hoje da Delegada Lenise. Nós já conhecíamos a ação dela, porque foi a partir da ação dela lá em Timbaúba — é claro de forma articulada, como disse, com o Poder Judiciário, com o Ministério Público —, de forma articulada se conseguiu identificar muitos crimes, mesmo sem ter muitas vezes as condições para isso. Eu queria perguntar à delegada se ela teria alguma coisa que gostaria de dizer à Comissão, mas em caráter reservado.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, no momento não vislumbro isso aí.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Estou satisfeito. Podem agora os outros Parlamentares fazer as indagações.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Bosco Costa) - Delegada Lenise, o colega Deputado Geraldo Thadeu não tem interesse em fazer nenhuma pergunta a V.Sa. Esta Presidência, em virtude de o nobre Deputado Luiz Couto ter feito várias perguntas a V.Sa. — e tenho certeza de que as informações que V.Sa. traz para esta Comissão são de grande contribuição para esse trabalho —, apenas uma pergunta gostaria de fazer a V.Sa., porque em outras audiências já ouvimos de várias pessoas que vieram falar a esta Comissão a omissão do Poder Público, no que se refere à cúpula da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, ou parte do Judiciário. São omissos nesses casos, nas investigações desses grupos de extermínio lá em Pernambuco?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, quando eu me refiro à omissão do Poder Público, não direciono às pessoas, mas ao próprio sistema. A carência de efetivo, a carência de meios de proporcionar uma polícia eficiente. Então, nesses casos, deixa um terreno fértil. Não me reporto aqui à omissão diretamente vinculada à pessoa “a” ou “b”.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Bosco Costa) - Porque a gente entende perfeitamente que existe uma deficiência muito grande no sistema de segurança



pública no Brasil, no que se refere a recursos humanos, também recursos financeiros, materiais, daí por diante. Mas V.Sa. deixa bem claro que nos casos que foram... nos inquéritos que foram feitos por V.Sa. não existe omissão, assim, da Secretaria, ou do próprio Secretário, ou do próprio Governador do Estado, como também do Judiciário. Não?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, até mesmo porque, como autoridade que presidiu o inquérito, eu sempre me senti bem à vontade para qualquer ação e não sofri nenhum constrangimento, nenhuma represália. Até mesmo porque, se tentassem, eu não ia me importar. Eu ia fazer o que tinha que ser feito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Bosco Costa) - Esta Presidência agradece a V.Sa. a presença nesta Comissão. Consulto o Relator sobre se tem alguma coisa a acrescentar. Deputado Luiz Couto.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Sr. Presidente, no caso... se nas investigações que V.Sa. realizou — porque há na Paraíba o caso da morte de 2 Vereadores; um que foi eliminado no dia da eleição, em 2000, parece-me, que era o José de Barros —, se houve alguma vinculação ou se conseguiu identificar alguma relação desse José de Barros com a ação também lá em Timbaúba.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, que eu lembre, não; não diretamente.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - No caso do... o nome dele é Antônio Gomes mesmo, esse que estaria preso também. Por exemplo: na relação de Timbaúba, há também uma ação, que seria de cargas que são levadas, como se diz lá no Nordeste, que seriam mercadoria no mole; passariam ali por Itabaiana e Timbaúba e que teriam a proteção para chegar ao destino sem ter qualquer ação do Fisco ou da Polícia Rodoviária. Tem alguma informação sobre isso?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, na época existiam muitos comentários, mas como essa fiscalização foge da esfera policial eu não procurei me aprofundar e verificar quem realmente estava envolvido, até pela localização geográfica de Timbaúba. Não tinha essa facilidade.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Uma vez que nós queremos cada vez mais as informações, a senhora teria nomes de pessoas que atualmente pudessem



prestar informações, mesmo que de forma reservada? Caso tenha, poderia passar esses nomes, caso fosse reservada, para esta Comissão?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Olha, em virtude de não mais me encontrar em Timbaúba, assim como também o Dr. Humberto Graça, eu acho que é imprescindível ouvir a Dra. Mariza Silva Borges, Juíza de Direito de lá, que ela acompanha desde aquela época e ainda permanece no Município, quer dizer, está à frente da maioria das ações. Ela foi fundamental para que todo o processo se realizasse e, com certeza, poderá fornecer dados atualizados da situação como se encontra hoje.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Dra. Mariza. E das pessoas que estão presas parece que a figura do China seria, caso ele aceitasse ficar na condição de réu colaborador, seria importante também.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - É, ele sempre colaborou. E, por sinal, quando houve a CPI Estadual, salvo engano, ele depôs também e repassou informações importantes.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Essa figura de Givanildo Cristino Pereira de Lima aparece alguma vez nos inquéritos?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, pelo nome, assim, eu não lembro, não. Givanildo...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não? Por exemplo: alguém com o nome Déda ou Dema.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Déda, não; Dema já me é mais familiar, mas não consigo associar um caso específico, não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Certo. Deixe-me ver... tenho algumas informações importantes aqui. Rinaldo Vieira Cirino é o China, não é?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - China.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - É o China. Pedro Paulo. Essa figura aparece em algum dos inquéritos, que é conhecido também por Pedrão?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não, não lembro não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - De Condado?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Dos inquéritos que foram feitos em Timbaúba, não.



**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Não aparece?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - E Lindomar José Pessoa, conhecido por Ratinho?

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Ratinho, salvo engano, ele foi... não sei se ainda está vivo ou foi exterminado, alguma coisa nesse sentido. Existia um Ratinho no...

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - É um que teve o irmão assassinado por cabo César em Juripiranga.

**A SRA. LENISE VALENTIM DA SILVA BORGES** - Não. Assim, eu não consigo associar. É porque muitos fatos existiram que não foram sequer analisados. E também, como eu já falei, nós tínhamos exigüidade de tempo e tínhamos que ater a alguns casos concretos até mesmo para formalizar as prisões preventivas e depois dar continuidade ao trabalho da delegacia, sem poder continuar só investigando os grupos de extermínio.

**O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO** - Sr. Presidente, no momento estou satisfeito com as informações que foram repassadas pela Delegada Lenise. E dizer da importância que tem de ouvirmos a Dra. Mariza, uma vez que já ouvimos a Dra. Lenise, que era um dos componentes daquele grupo que desvendou e elucidou diversos crimes. O outro era o Dr. Humberto Graça, do Ministério Público. Falta agora o Poder Judiciário, através da presença da Dra. Juíza, que ainda é Juíza da Comarca de Timbaúba. Dos 3 é a única que permanece ainda na Comarca de Timbaúba. Daí a importância de sua oitiva.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Bosco Costa) - Nada mais havendo a tratar, vou encerrar os trabalhos, antes convocando reunião para amanhã, às 14h, no Plenário 7, para apreciação de requerimentos. Declaro encerrada a presente reunião.